APRESENTAÇÃO

A publicação do 3º número de *LETTRES FRANÇAISES* reveste-se de um significado especial, tendo em vista que a partir dele a revista propõe-se reservar um espaço, embora limitado, às contribuições de trabalhos externos que se relacionem, de alguma forma, com os estudos franceses. Dispondo de escassos recursos para sua publicação bienal, a revista buscará oferecer, no entanto, aos estudiosos, uma opção para a divulgação de seus trabalhos.

Este número reúne um material variado, voltado para os séculos XIX e XX. Há nele artigos sobre poema em prosa, tradução, memórias, narrativa surrealista, sobre romantismo e modernidade. Em todos, encontra-se o comum objetivo de contribuir com uma leitura nova, uma reflexão significativa para os estudos literários.

«As abordagens dualísticas do poema em prosa» trata das tendências paralelas da poesia, quando busca manifestar-se sem recorrer à versificação: de um lado, ela vai dar no verso livre e, de outro, introduz-se na prosa. É a partir do Romantismo e, sobretudo, de **Baudelaire** que o poema em prosa ganha estatuto de gênero, caracterizado pelo extremo polimorfismo que é garantia de sua sobrevivência e, ao mesmo tempo, justifica as definições que lhe dão os críticos (Bernard, Todorov, Riffaterre, Sandras), variadas, e indicadoras daquela dualidade que se encontra na própria origem do gênero. Já na seqüência, «O Itinerário poético do *Paysan de Paris*» discorre sobre a narrativa surrealista de **Louis Aragon**, para mostrá-la, à luz de *Récit poétique* de J.-Y. Tadié, como verdadeira narrativa poética, tendo em vista o tratamento aí dispensado ao narrador/personagem, ao espaço, ao mito, aos elementos poéticos. Em «Leituras de uma escritura: *O Amante* de **Marguerite Duras**» são considerados os problemas que a tradução de um texto literário acarreta ao tradutor, o qual, por falta de conhecimento do universo do autor, pode oferecer à leitura uma obra que não apresente traços caracterizadores desse mesmo autor. Percorrendo o texto durassiano são encontrados inúmeros exemplos de como o estilo da escritora não foi mantido na tradução

brasileira. A leitura de «*Antimémoires*: ‘ni faux, ni vrai, mais vécu’» coloca-nos diante das possibilidades de um gênero literário que confunde realidade e ficção. Partindo da obra de **André Malraux**, desenvolvem-se reflexões instigantes para os estudos de literatura: a impossibilidade para a memória de ressuscitar uma vida em seu desenrolar; a coexistência da memória e do imaginário; a confusão de passado e futuro. E também, integrando esses trabalhos voltados mais especialmente para o século XX, podemos ler «Um mergulho em *Alcools*: cidades» que, sem ter a intenção de se aprofundar no que aponta, volta a Baudelaire, a Rimbaud, às origens da modernidade para explicar o espaço que ocupam as cidades na obra de **Guillaume Apollinaire**, espécie de contrapartida de seu mundo interior.

Compondo ainda a revista encontramos três artigos que remetem ao século XIX e ao Romantismo. «*Brigandage*, crime e energia» encontram-se exatamente em *A Abadessa de Castro* e *Les Cenci*, obras do **Stendhal** italiano que ilustram sua estética e sua ética do natural. Nelas, o autor serve-se da Itália do século XVI para, num estilo conciso e despojado, tão distante da grandiloquência da primeira geração romântica, colocar seu herói e sua heroína, individualidades fortes e corajosas da história italiana, que agem em nome do direito natural contra uma sociedade sem regras. O artigo seguinte é «A sedução das Américas», sofrida por **René de Chateaubriand** e **Ferdinand Denis** e que resultou em viagens (do 1º para a América do Norte em 1791 e do 2º para o Brasil em 1816) e livros que atestam sua desilusão em razão daquilo que encontraram, e que se opunha às suas expectativas várias. De maneira especial, as obras desses autores tiveram grande importância entre nós e foram decisivas no período de formação da literatura brasileira. Finalmente, constatamos que a leitura de Carl-Gustav Jung e de obras sobre o fantástico, notadamente de Joël Malrieu, dá suporte teórico a «Sonho e Fantástico em **Edgar Allan Poe** e **Charles Baudelaire**» onde a proximidade das posições dos dois poetas, na vida e nas artes, já muitas vezes apontada, dá margem ainda a uma reflexão que joga mais luzes sobre o assunto.